



ETHOPOEIA CICERONIANA E DRAMA CÓSMICO EM *DE HARUSPICUM RESPONSIS*

CICERONIAN *ETHOPOEIA* AND COSMIC DRAMA IN *DE HARUSPICUM RESPONSIS*

Eduardo de Oliveira¹

RESUMO

A proposta do artigo é apresentar uma leitura retórica do discurso *De haruspicum responsis*, em que ressaltaremos pontos essenciais da construção retórica do discurso. Na primeira parte, buscaremos identificar de que maneiras Cícero foi capaz de elaborar argumentos efetivos para realizar uma *ethopoeia* para seu adversário, Clódio, e para si mesmo, e na segunda parte, faremos um exame da cosmovisão ciceroniana apresentada no discurso, a fim de depreendermos as formas que o orador considerou serem efetivas de apresentar um drama cósmico para a audiência, a fim de persuadi-la de sua causa.

Palavras-chave: Cícero; *De haruspicum responsis*; retórica.

ABSTRACT

This article aims to present a rhetorical reading of Cicero's *De haruspicum responsis*, highlighting pivotal points in the oration's rhetorical structure. In the first part, we identify how Cicero elaborates effective arguments to construct an *ethopoeia* both for his adversary, Clodius, and for himself. In the second part, we explore Cicero's cosmovision as presented in the discourse, seeking to understand how the orator conceived the presentation of a cosmic drama to his audience as a means of persuading them of his cause.

Keywords: Cicero; *De haruspicum responsis*; rhetoric.

INTRODUÇÃO

A religião romana tem sido tema frequente de discussão historiográfica há décadas. Na vida cívico-religiosa romana, dava-se grande atenção aos ritos, devido à sua importância para a manutenção da boa relação com os deuses - a *pax deorum*. Claudia Beltrão nos diz que:

Os eventos públicos eram repletos de performances religiosas, e as decisões administrativas eram asseguradas através da correta execução dos procedimentos ritualísticos. Os festivais, com suas cerimônias, os juramentos, as festas de aniversário de templos e as celebrações aos seus deuses, o teatro, e a realização de eventos de ordem política e administrativa, tinham todos um caráter ritualístico, nos quais se buscava assegurar a boa vontade dos deuses (BELTRÃO, 2006, p. 140-141).

O zelo romano com as suas práticas religiosas pode ter resultado na proficuidade de colégios e autoridades sacerdotais oficiais em Roma, que atuavam frequentemente em momentos de decisão do Estado. Nesse sentido, se destacam os pontífices, os *epulones* e

¹ Graduado em História pela UNIRIO. Mestre em História pelo PPGH-UNIRIO, no qual desenvolveu o projeto intitulado *O Discurso Ciceroniano na Arena Política em De Haruspicum Responsis: Religião, Retórica e Drama Cósmico*. Bolsista CAPES. Contato: eduardodeoliveira@edu.unirio.br



os *virī sacris faciundis*. Havia outros colégios sacerdotais menores, como os *fetiales* e os *haruspices* (BELTRÃO, 2003, p. 31-32). Os últimos eram considerados especialistas na arte etrusca da adivinhação, e interpretavam sinais da natureza como formas de comunicação dos deuses, os *prodigia*. Como veremos, em 56 AEC, um estrondo foi ouvido no território latino, e os harúspices determinaram que o som foi um prodígio, que a relação entre os homens e os deuses estava em desarmonia, e elencaram cinco razões para os deuses terem enviado a mensagem.

Cícero, por sua vez, reinterpretou as respostas, depois de ter sido acusado por Clódio de ser o causador do prodígio². Articulando noções cosmológicas e teológicas, o orador conseguiu realizar um verdadeiro drama cósmico, e imputa a seu adversário todos os delitos relatados. A partir disso, analisaremos, no discurso, a sua construção retórica, para identificarmos de que maneiras Cícero foi capaz de realizar uma *ethopoeia*³ para seu inimigo e para si, e avaliaremos, a partir do drama cósmico ciceroniano, que cosmovisões dos romanos podemos inferir.

Para alcançarmos nossos objetivos, analisaremos o discurso a partir de sua disposição, inicialmente examinando o exórdio e a narração do texto, a fim de identificar quais foram as preocupações iniciais de Cícero para garantir uma boa recepção de sua audiência. Em seguida, apresentando a seção de confirmação e peroração do texto, identificaremos, a partir dos argumentos de Cícero, de que maneiras o autor considerou ser possível classificar, dentro do pensamento cívico-religioso romano, o seu adversário como um homem que não deveria conviver entre os outros cidadãos. Esperamos que, no fim, tenhamos realizado um exame apropriado sobre a mentalidade cívico-religiosa romana, de forma a esclarecermos as estruturas que davam sentido à disputa entre os dois políticos, e que também faziam ser efetivos os argumentos do orador.

² Na primavera de 56 AEC, meses depois do retorno de Cícero de um exílio causado por Públio Clódio Pulcro, tremores de terra foram reportados do norte do Lácio. Os senadores julgaram que a ocasião demandava uma investigação, e então convocaram os harúspices, que interpretaram o evento sísmico como um prodígio. Segundo os sacerdotes, uma das razões para a ira dos deuses era a profanação de lugares sacros (CORBEIL, 2018, p. 141). Clódio, que havia consagrado parte do terreno de Cícero à deusa Libertas enquanto o orador esteve ausente, aproveitou da interpretação dos harúspices para atacá-lo, afirmando que o seu rival era o causador da *ira deorum* (Cic. *Har. resp.* 30-33).

³ A palavra “*ethopoeia*” é composta por duas palavras gregas: *ethos* (caráter/personagem compreendendo-se tanto no sentido do indivíduo quanto do coletivo) e *poiein*, [que significa] fazer, criar, produzir, mas também reproduzir, representar, ou imitar, como sugerido pela etimologia de “*poet*” e “*poetry*” (CARVENALI, 2010, p. 7, tradução nossa). Ingo Gildenhard classifica a *ethopoeia* ciceroniana da seguinte forma: “Bastante da *ethopoeia* de Cícero é realizada na [linha entre] a *natura* e a *persona*, [como] um caráter essencial, papéis sociais e máscaras. Ele explora a possibilidade de alguém estar abusando ou saindo de sua essência natural, agindo, por alguma ou outra razão, fora de seu personagem (contra a sua natureza), ou experienciando um conflito entre seu personagem (*natura*) e o papel social (*persona*) que a ele é exigido performar.” (GILDENHARD, 2010, p. 65).



CÍCERO E (É) A REPÚBLICA: A *ETHOPOEIA* CICERONIANA NO EXÓRDIO E NA NARRAÇÃO

Faz-se necessário apontarmos nossa compreensão de retórica. Entendemos a retórica como a arte de persuadir, e a persuasão - embora carregada de conotação pejorativa na comunicação casual - nada mais é do que levar alguém a acreditar em alguma coisa. Se suspendermos nossos preconceitos para entender o que isso significa, podemos entender que "levar alguém a acreditar em algo" é, muitas vezes, uma atitude de valor moral positivo. A educação familiar, a educação pedagógica, e muitas outras formas que temos de nos instruímos muitas vezes são ensinadas a partir da mesma premissa. Portanto, a retórica é interpretada, neste artigo, simplesmente como a "arte da persuasão".

Devemos, entretanto, esclarecer o método de interpretação dessa arte aqui empregado. Há trabalhos singulares no campo de estudo da retórica, como *Tratado de Argumentação* (PERELMAN; TYTECA, 2014) e *Narrative Discourse: An Essay In Method* (GENTTE, 1983), mas contamos com as contribuições de Olivier Reboul e o seu livro *Introdução à Retórica* (2004). Debatendo seus pontos de vistas, muitas vezes, com os dois autores citados anteriormente, Reboul propôs um método de interpretação que abrange interpretações contrastantes de autores anteriores, e apresenta uma metodologia versátil e funcional.

Segundo Reboul (2004, p. 24-44), a retórica tem as seguintes funções: argumentação e oratória; hermenêutica; heurística; e a pedagógica. Na primeira função, a arte é utilizada para a elaboração e a exposição do discurso, e o orador idealiza a forma de seu texto, e a sua performance - gestos e intercalações no tom de voz são complementos fundamentais para o conteúdo do discurso, pois sem a ação, o texto não se torna interessante para as consciências da audiência, e há o risco de dispersão da atenção. Na segunda função, analisamos a forma em que o texto foi construído e avaliamos as escolhas na performance do orador. A partir do estudo, podemos fazer uma análise crítica do discurso⁴, e temos a possibilidade de mapear as intenções argumentativas e as maneiras eficientes empregadas⁵. Na terceira função, a retórica é utilizada no exercício dialético, e sem uma

⁴ A esse ponto, é válido definirmos, brevemente, o que é um discurso. Reboul nos diz que o discurso é "[T]oda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido. (...) [A] retórica não é aplicável a todos os discursos, mas somente àqueles que visam a persuadir, o que de qualquer modo representa um belo leque de possibilidades. [Temos como discursos não retóricos] poema lírico, tragédia, melodrama, comédia, romance, contos populares, piadas. Acrescentamos os discursos de caráter puramente científico ou técnico." (REBOUL, 2004, p. 14)

⁵ No nosso caso, estamos restritos ao corpo textual do discurso *De haruspicum responsis*, mas, como veremos adiante, isso não necessariamente desqualifica a qualidade da pesquisa: o discurso só se tornou texto porque, na República Tardia, a circulação de discursos senatoriais era uma forte maneira de autopromoção política e intelectual (VOLK, 2021, p. 22-54). Nesse sentido, Cícero se mostrou



resposta previamente apropriada para ser apresentada, os interlocutores discutem possíveis soluções para uma questão, e a resposta se apresenta quando não há mais maneiras de refutá-la. Na quarta função, a retórica é utilizada para instruir, e para isso, o orador cria o seu discurso de forma a parecer convincente, enquanto mantém a atenção de seus ouvintes, e para realizar os dois objetivos, o comunicador precisa adaptar o conteúdo de sua mensagem para uma linguagem didática e cativante, como o professor faz em sala de aula com o conteúdo que, inicialmente acadêmico, passa pela transposição didática e então se torna inteligível para crianças.

Os discursos possuem três gêneros – epidíctico, judiciário e deliberativo –, e são constituídos por quatro partes essenciais: a invenção, que consiste na busca de argumentos por parte do orador; a disposição, que consiste na escolha da forma em que os argumentos são alocados no texto; a elocução, que consiste na escolha de linguagem utilizada, a partir da audiência de referência; e a ação; que diz respeito à performance vocal e corporal do orador. No nosso caso, só nos interessam a invenção e a disposição do texto.

Esclarecidos os conceitos, podemos assumir a nossa principal tarefa a seguir: a Leitura Retórica. Nos tópicos a seguir, realizaremos uma leitura hermenêutica do texto, mas ela não será eficiente sem respondermos às primeiras perguntas do método. Essas perguntas (REBOUL, 2004, p. 139-144) são fundamentais para a compreensão do nosso texto, mas para que não nos prolonguemos, responderemos a elas de maneira direta, sem repetidas citações a cada uma. No fim, teremos uma síntese básica sobre o discurso e seu contexto.

Inicialmente, apresentamos o que há de persuasivo no texto: os argumentos de Cícero destinados a: 1) a defesa da posse integral de seu terreno⁶, que, embora a questão de sua

especialmente interessado em registrar seus casos, estendendo o seu escopo de produção a materiais de natureza filosófica, teológica e poética (sobre a produção intelectual de Cícero, ver AUVRAY-ASSAYAS, 2018, p. 27-56). Além disso, pelo mesmo motivo de os discursos circularem entre homens de círculos sociais em comum, é improvável que Cícero considerasse modificar o seu texto de maneira significativa, pois alguns de seus possíveis leitores também puderam ouvi-lo.

⁶ Em 62 AEC, durante os ritos destinados à deusa *Bona Dea*, Clódio foi flagrado infiltrado na celebração que ocorria na casa do *pontifex maximus*, Júlio César (GRIMAL, 1990, p. 70). O ato de Clódio foi considerado um crime contra a *salus publica*, uma vez que o ritual era tradicionalmente associado como em nome do povo romano. Além do delito na esfera religiosa, Clódio também tornava a sua posição como cidadão romano moralmente comprometida, uma vez que o seu comportamento poderia ser considerado excessivo, traço que os romanos costumavam repudiar (LEACH, 2001, p. 338-339; TATUM, 1999, p. 66-67). O caso foi julgado pelos senadores, e Clódio solicitou a Cícero que atuasse como seu álibi no julgamento, mas o orador negou a afirmação de Clódio (GRIMAL, 1990, p. 70). Clódio foi absolvido, mas a relação entre os dois se transformou significativamente (DAETWYLER, 2019, p. 97), e em 58 AEC, depois de ser eleito tribuno da plebe (se tornando plebeu através de um processo de adoção) (GRIMAL, 1990, p. 72), propôs a *lex de capite civium* (Lei sobre as cabeças dos cidadãos), que efetivamente excluía do convívio social aqueles que foram responsáveis pela morte de cidadãos sem o devido julgamento. Nesse sentido, Clódio buscava perseguir a Cícero, que embora tenha recebido a autorização do Senado para



casa estivesse juridicamente já resolvida, ainda era alvo de escrutínio por parte de Clódio, que acusava Cícero de uma falta religiosa grave; 2) a interpretação dos prodígios relatados pelos harúspices, todos sendo atribuídos a Clódio; 3) a conseqüente necessidade de exclusão de Clódio do meio comum, pois ele não teria espaço entre os bons cidadãos.

Ao lado da nossa primeira questão, o método dispõe de questões adicionais: “quem é o orador? quando se passa o evento? contra o quê [ou a favor] ele discursa, por que e como? (DE OLIVEIRA, 2023, p. 31; REBOUL, 2004, p. 140). Podemos conferir, em *De haruspicum responsis*⁷, que o discurso foi proferido por Cícero no Senado Romano, em maio de 56 AEC (BELTRÃO, 2003, p. 25), contra Públio Clódio Pulcro. Ao buscarmos responder a essas duas perguntas, que de antemão parecem improfícuas, nós conseguimos lembrar de que, ao analisarmos a figura do orador localizando-o no tempo, nós necessariamente o encaixamos em um contexto histórico, em que cosmovisões são passíveis de serem identificadas, e suas influências na construção do discurso mapeadas. Dessa forma, o discurso perde o seu caráter de personalidade e ganha um caráter histórico⁸.

Agora, resta uma última pergunta, que guiará o nosso trabalho: “como ele diz?” Para respondermos a ela, faremos uma análise das quatro seções principais do discurso (com breve consideração à digressão) e buscaremos alcançar os nossos objetivos.

A fins de informação e organização, gostaríamos de apresentar a nossa divisão interpretativa do discurso *De haruspicum responsis*:

| | |
|-------------|--------------|
| Exórdio | 1-7 |
| Narração | 8-10 |
| Confirmação | 11-45; 53-57 |
| Digressão | 46-52 |
| Peroração | 58-63. |

ordenar a execução dos conspiradores do contexto das *Catilinárias*, eles não foram julgados pelas vias jurídicas comuns. Antes que a lei fosse votada, Cícero se retirou de Roma. Posteriormente, promulgou sua segunda lei contra Cícero: *lex de exilio Ciceronis* (Lei de exílio contra Cícero), em que o ex patricio oficialmente fazia ser aprovado o exílio de Cícero, tornava seus bens proscritos, e destruía também suas casas em Túsculo e no Palatino (GRIMAL, 1990, p. 73-75). Depois da destruição da casa do Palatino, Clódio consagrou uma imagem da deusa *Libertas* em parte do terreno da casa do orador, o que tornava a parte do terreno *ius sacrum*, posse de direito divino (CAIRO, 2017, p. 487; CORBEILL, 2018, p. 177; KENTY, 2018, p. 246).

⁷ Edição utilizada: CARPINETTI, L. C. L.; CORRÊA, L. B. *O Discurso de Cícero De Haruspicum Responsis*: Guia de leitura. São Paulo: Annablume, 2013.

⁸ Aqui, ecoamos a definição que Georg Simmel reproduz a respeito da diferença entre um “conteúdo da realidade”, que ordinariamente existiu em um determinado momento do passado, e um “conteúdo histórico”, que possui uma relação possível de ser encontrada e assimilada a um contexto mais amplo (SIMMEL, 2011, p. 9).



Cícero inicia o seu discurso com duas passagens que apresentam imagens antitéticas. A primeira passagem se inicia com a menção da sessão do Senado ocorrida no dia anterior, e Cícero se refere a ela representando comoção, demonstrando-se respeitoso à *dignitas* dos senadores e à presença dos cavaleiros presentes (Cic. *Har. resp.* 1). Em seguida, na segunda passagem, Cícero apresenta Clódio como uma figura destoante no Senado: errático e sem capacidade de argumentação, o ex-tribuno "bateu-se repentinamente em retirada da cúria com certas ameaças desarticuladas e vãs" (Cic. *Har. resp.* 2)⁹, e o orador foi em seguida reverenciado pelos outros senadores. Essa introdução é interessante para Cícero, uma vez que, evidentemente, o orador sente a necessidade de justificar o seu comportamento na ocasião, quando precisou reprimir "todo o ímpeto e a ferocidade de um gladiador"¹⁰ (Cic. *Har. resp.* 1)¹¹, como se refere a Clódio. Uma vez que a função do exórdio é "tornar o auditório dócil, atento e benevolente" (REBOUL, 2004, p. 55) para a causa daquele que discursa, a introdução ciceroniana nos indica de que maneira Cícero acreditou ser efetivo conquistar a sua recepção: através da *ethopoeia* da figura do sábio e a figura do louco.

O orador aponta que o seu comportamento foi ponderado, e não resultado de raiva momentânea, e contra-ataca, afirmando não lutar apenas por si, mas também pelo bem-comum (Cic. *Har. resp.* 3). Clódio, Gabínio e Pisão (os dois últimos, referenciados por terem deixado que fossem aprovadas as leis do primeiro contra Cícero) investiram contra o orador, mas também contra a *res publica* (Cic. *Har. resp.* 3). A narrativa de Clódio como inimigo da república é estruturada, e Cícero relembra à sua audiência o escândalo dos ritos da *Bona Dea*¹² (Cic. *Har. resp.* 4). Ao apontar a falha religiosa de seu oponente, o orador então tem

⁹ Texto original: "*exsanguis atque aestuans se ex curia repente proripuit, cum quibusdam fractis iam atque inanibus minis*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

¹⁰ Joanna Kenty aponta para a forma que Cícero usa a classificação de gladiador como uma forma de "invocar" eventos ou personagens ao seu discurso. Sobre o uso em *De domo sua*, por exemplo, ela aponta que: "A [escolha de palavras] de Cícero invoca [as imagens] de revoltas de escravos e da revolta dos gladiadores de Espártaco em particular, sempre [retratando] uma ameaça iminente, e elenca os seguidores de Clódio como *outsiders* invasores, em vez de uma facção política." (KENTY, 2020, 184-185, tradução nossa). De fato, essa é uma forma de fazer uso das concepções das consciências de seu auditório, e nesse caso o orador faz uso da memória romana recente à época. Cícero se refere a Espártaco também em *De haruspicum responsis*, indagando: "Este indivíduo me faz menção também de suas raízes, quando preferiu celebrar os jogos pelo exemplo de Atênião ou de Espártaco, em vez de C. Ápio, da família Claudia?" (*Har. resp.* 26).

¹¹ Texto original: "*verbis omnem impetum gladiatoris ferociamque compressi*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

¹² Filha ou esposa do deus Fauno, foi uma deusa constantemente associada, também, a Ceres e Vesta (BROUWER, 1989, p. 232. Acreditava-se que era uma deusa capaz de proporcionar prosperidade e fertilidade. Seus ritos aconteciam em âmbito público e privado, e, enquanto se sabe que as festividades públicas aconteciam, anualmente, no dia 4 de dezembro, na casa do mais alto magistrado do ano em questão, pouco se sabe sobre as espécies de cerimônias privadas, assim como não se há certeza sobre seu verdadeiro nome (*ibid.*, p. 233-234; *Har. Resp.* 37). Dado ao fato



as bases para, a partir do fato de que o seu inimigo atacou a ele e atacou também a ordem divina, transpor a sua *persona* com a imagem da república romana, narrando um verdadeiro cenário catastrófico:

Certamente não se aproximou de mim depois, com muito ódio; de fato, nada fez contra mim com ódio de mim, mas com ódio do rigor, com ódio da dignidade, com ódio da República; não violou mais a mim do que ao senado, do que aos cavaleiros romanos, do que a todos os bons, do que à Itália inteira; enfim, não foi mais criminoso contra mim do que contra os próprios deuses imortais: com efeito, violentou-os com aquele crime com o qual ninguém antes havia violentado; contra mim, teve a mesma disposição que também o seu achegado Catilina teria tido, se tivesse vencido. (Cic. *Har. resp.* 5)¹³.

Através do recurso da amplificação¹⁴, Cícero estabelece que, uma vez que Clódio o atacou e ataca a tudo que é bom, o orador, logo, representa aquilo que é bom. A menção a Catilina – inimigo público romano que intentou uma revolta armada na cidade em 62 AEC – é bastante eficiente também: o risco e a urgência do contexto das *Catilinárias* eram recentes às consciências dos senadores presentes na audiência do discurso, e a associação entre Clódio e Catilina se torna interessante para fins de vilipêndio.

O exórdio se encerra com um elogio de Cícero a Tito Ânio Milão, nos capítulos 6 e 7. Milão é comparado a Cipião Emiliano, e como ele, que foi “nascido para a derrota e destruição de Cartago”, (Cic. *Har. resp.* 6) Tito Ânio “parece ter nascido para frear, extinguir, destruir completamente aquela ruína e, por uma espécie de presente divino, ter sido concedido à República.” (Cic. *Har. resp.* 6). Mais uma vez, Cícero recorre ao imaginário social romano. A história militar é relembada, e Clódio é novamente comparado a um inimigo público.

Uma vez cativada a audiência e, como podemos conferir, - Cícero a conquistou delimitando muito claramente os papéis que seu oponente e ele representariam em sua narrativa - o orador deve apresentar a sua narração. Nessa seção do discurso, Reboul indica, os argumentos da ordem do *logos* devem prevalecer, pois é o momento de apresentação das questões referentes à causa deliberativa. Diferente do exórdio, em que

de que suas celebrações eram de participação estritamente feminina, depreende-se então a razão de sua obscuridade, uma vez que os ritos eram intencionalmente mantidos em sigilo (TREJO, 2017).

¹³ Texto original: "*non multum mihi sane post ad odium accessit. nihil enim contra me fecit odio mei, sed odio severitatis, odio dignitatis, odio rei publicae. non me magis violavit quam senatum, quam equites Romanos, quam omnes bonos, quam Italiam cunctam; non denique in me scelerior fuit quam in ipsos deos immortales. etenim illos eo scelere violavit quo nemo antea; in me fuit eodem animo quo etiam eius familiaris Catilina, si vicisset, fuisset.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

¹⁴ *Amplificatio*. Segundo Reboul, a amplificação é um *topoi* (um lugar comum) na oratória, e “como lugares de amplificação, servem para persuadir os juízes de que a causa ultrapassa a pessoa do réu, que ela compromete o futuro” (REBOUL, 2004, p. 51).



Cícero precisou articular razões éticas (*ethos*) e passionais (*pathos*), buscando despertar sentimentos como a reprovação moral e o repúdio, envolvendo emocionalmente a sua audiência, nesta seção, o orador precisa empenhar três qualidades em sua fala: clareza, brevidade e credibilidade (REBOUL, 2004, p. 56).

A seção tem início com o relato da acusação de Clódio contra Cícero, que se tornou a razão para o proferimento do discurso do arpinate. De maneira sarcástica, o orador se refere ao discurso proferido por Clódio, e caçoa de sua autoridade religiosa¹⁵ (Cic. *Har. resp.* 8). O humor como recurso no discurso pode, certamente, ter potencial para o escrutínio vulgar, mas também pode ser utilizado de maneira interessante para a construção da figura do orador como uma pessoa séria. Cícero caçoa de Clódio através da contradição. A figura de seu oponente se torna ridícula, mas sem que seja necessário que o orador zombe dele. O relato do discurso deliberativo religioso, e em seguida a contraposição com a sua atuação vacilante no caso da *Bona Dea*, gera o contraditório – é a ironia em sua pura forma. Aproveitando o espaço para o uso do recurso, Cícero indaga: "que diferença há se, expulso dos altares muito sagrados, ele se queixa dos sacrifícios e dos cultos religiosos ou se, saindo do quartinho das suas irmãs, ele defende o pudor e a castidade?" (Cic. *Har. resp.* 9)¹⁶, utilizando de um rumor muito popular na época sobre a relação supostamente incestuosa de Clódio com suas irmãs¹⁷.

Após a análise das duas primeiras seções do discurso, nós conseguimos interpretar as intenções de Cícero. Os personagens do orador e de seu inimigo já foram apresentados e, na próxima seção, veremos como o orador articulará os argumentos necessários para inserir as duas *personae* em uma narrativa que inclui toda a República romana e os deuses. Cícero, representante da ordem e vítima dos mesmos inimigos que a República – em um

¹⁵ Maria Emília Cairo destaca a construção de uma autoridade religiosa por parte de Cícero no discurso. Segundo Cairo, "(...) Cícero constrói a existência de duas autoridades religiosas (por um lado, [a] dos homens doutos que deixaram por escrito seus conhecimentos sobre os deuses; por outro lado, os ancestrais romanos, cujos saberes foram transmitidos oralmente)" (CAIRO, 2017, p. 491). A observação de Cairo é interessante para o nosso artigo, pois Cícero possivelmente sentiria a necessidade de apresentar um embasamento teológico próprio na resolução da questão, enquanto tentava diminuir a de Clódio, que era parte do colégio dos *virii sacris faciundis*.

¹⁶ Texto original: "*itaque nunc proxima contio eius exspectatur de pudicitia. quid enim interest utrum ab altaribus religiosissimis fugatus de sacris et religionibus conqueratur, an ex sororum cubiculo egressus pudorem pudicitiamque defendat?*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

¹⁷ Em uma nota de rodapé (nº 16), Joanna Kenty nos aponta que: "César Estrabão explicitamente menciona o uso do humor como uma forma de ataque inteligente em *De Orat.* 2.236. Hickson-Hann fala sobre piadas sobre incesto: "os ouvintes podem focar mais na técnica humorística do que no conteúdo tabu [invocado] e a hostilidade agressiva. Aliás, sempre há a desculpa "[foi só uma piadinha]". Ouvintes sentem prazer com a [liberdade de] expressão de hostilidade sexualmente agressiva contra o adversário e ficam do lado do orador que deu esse prazer a eles." (KENTY, 2020, p. 30). Acreditamos que, uma vez que os rumores sobre a relação entre Clódio e suas irmãs repercutiam entre os membros da audiência, eles provavelmente se sentiam eufóricos com a referência, e se divertiam com o assunto sendo citado em público, em plena sessão senatorial.



jogo de contraposições no qual ambos se tornam um só – elencará uma série de razões para que não permaneçam sombras de dúvidas a respeito da urgente necessidade que há de que se retire Clódio do meio dos homens bons.

CLÓDIO, O “PERVERSO E O EXCLUÍDO”: COSMOVISÃO ROMANA NA CONFIRMAÇÃO E PERORAÇÃO

Antes de apresentar as evidências de sua causa - o objetivo de toda seção de confirmação em discursos -, Cícero inicia a sua narração representando-se, como fez no início do exórdio, como um homem de "espírito resignado", e que buscará "purificar a religião" de sua casa, mas se, entre algum dos homens, uma dúvida sobre essa questão permanecer, ele responderá "contente, aos sinais calamitosos dos deuses imortais e à religião" (Cic. *Har. resp.* 11).

Ele prossegue lembrando à sua audiência os julgamentos realizados em relação à sua casa, citando processos, ora se dirigindo diretamente a pontífices que estiveram presentes no processo, ou ao cônsul, ora se referindo a outros que provavelmente não estavam presentes na audiência. Em suma, Cícero invoca o nome e a lembrança de mais de vinte homens, e é interessante pensarmos que, ao defender mais uma vez a sua casa, elencando as autoridades religiosas romanas e o Senado como suas garantias, Cícero reflete duas preocupações: a de que, mesmo depois de todos os devidos processos, ele sentia que a integridade da posse de seu terreno ainda precisava ser defendida; e de que Cícero, ao citar os processos institucionais romanos (e os nomes dos envolvidos) que lhe deram a causa justa, transformava, indiretamente, qualquer tipo de problema jurídico-religioso que pudesse enfrentar, em um problema geral (Cic. *Har. resp.* 12-16). Ele orgulhosamente se refere à reconstrução de sua casa, aprovada e custeada pelas instituições do Colégio dos Pontífices e do Senado. Entretanto, antes que houvesse tempo para que seu orgulho fosse interpretado como soberba, Cícero se justifica, indicando que o que poderia ser considerado arrogância era apenas a sua gratidão ao reconhecimento dos seus pares. Ele conclui sua apologia:

Aliás, quem não me perdoaria se, consumido por tantas fadigas em prol da salvação comum, certa dor do espírito me levasse por vezes à glória, para refutar as maledicências dos homens maus? (...) Pode um homem virtuoso, experimentado em grandes empreendimentos alvos de inveja, sem fazer seu próprio elogio, responder bastante categoricamente às afrontas do inimigo? (...), Mas, já que minha causa foi resolvida, vejamos agora o que diriam os harúspices (*Har. resp.* 17-18)¹⁸.

¹⁸ Texto original: "*quamquam si me tantis laboribus pro communi salute perfunctum efferret aliquando ad gloriam in refutandis maledictis hominum improborum animi quidam dolor, quis non ignosceret? (...) potest quisquam vir in rebus magnis cum invidia versatus satis graviter inimici contumeliis sine*



Até aqui, a *persona* de Cícero tem sido representada de maneira concisa. Ele é um homem sábio, ponderado, e que busca representar e defender os interesses da República. A partir do capítulo 18, o orador atribui à sua figura mais uma qualidade: a de representante dos deuses (PINA POLO; MARCO SIMÓN, p. 2002). Antes de se lançar à interpretação das respostas dos harúspices, Cícero primeiramente se preocupa em se apresentar como um “comovido” admirador das práticas religiosas tradicionais, fazendo referência à ligação íntima entre a religião e a política romana, assim como também é capaz de citar momentos da história militar romana em que os deuses interviram a favor da República. De todos os povos, o povo romano se distinguiu e os subjugou graças não ao poder bélico, numérico, artístico ou intelectual, “mas [superaram] todas as raças e nações, porque [viram] claramente que, pelo poder dos deuses, todas as coisas são reguladas e governadas” (Cic. *Har. resp.* 19)¹⁹.

Dessa forma, a cosmovisão romana apresentada por Cícero, que ele usará como base para validar seus próximos argumentos, é a de uma república habitada por deuses em um universo divinamente ordenado. Graças aos esforços dos romanos em manter a boa relação com as divindades, elas “regulam” e “governam” a favor deles, e até o momento da disputa retratada, atuaram de maneira benevolente. Essa relação, entretanto, está em constante negociação, e quando há um desequilíbrio na ordem divina, graças à ação imprudente de algum dos homens, os deuses se comunicam através da natureza (BEARD, 2012, p. 25-26). Neste caso, “no território latino, ouviu-se um estrondo como um retinir” (Cic. *Har. resp.* 20)²⁰. A partir do relato do prodígio, Cícero assume a posição da interpretação, e indaga a sua audiência: “nós não podemos, por acaso, ser harúspices?” (Cic. *Har. resp.* 20)²¹.

Cícero, antes de relatar integralmente a resposta dos harúspices, apresenta a expiação indicada pelos sacerdotes: “Sobre este assunto, foi escrito: reparações existirem para Júpiter, Saturno, Netuno, Télus, deuses celestes. Ouço a quais deuses violados é devida uma expiação, mas busco saber por quais delitos humanos é devida (...)” (Cic. *Har.*

sua laude respondere? (...) Sed quoniam mea causa expedita est, videamus nunc quid haruspices dicant.” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

¹⁹ Texto original: “*quam volumus licet, patres conscripti, ipsi nos amemus, tamen nec numero Hispanos nec robore Gallos nec calliditate Poenos nec artibus Graecos nec denique hoc ipso huius gentis ac terrae domestico nativoque sensu Italos ipsos ac Latinos, sed pietate ac religione atque hac una sapientia, quod deorum numine omnia regi gubernarique perspeximus, omnis gentis nationesque superavimus.*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

²⁰ Texto original: “*quod in agro latiniensi auditus est strepitus cum fremitu*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

²¹ Texto original: “*nos nonne haruspices esse possumus?*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



resp. 20-21)²². O orador apresenta a solução para os delitos cometidos contra os deuses antes de relatá-los e, embora pareça contraintuitivo à primeira vista, veremos que Cícero cita a expiação para que, quando interpretar as respostas dos harúspices, possa atribuir causas relacionadas diretamente aos deuses previamente citados como violados. Em uma comparação contemporânea, é como se soubéssemos o fim da peça enquanto assistimos o início do desenvolvimento dela: ao fim de cada cena, iremos esperar que os acontecimentos se relacionem com o final que já esperamos da história.

As consciências da audiência, nesse ponto, sabem quais foram os deuses violados, e então só basta saberem como, por quem, e o porquê. Se Cícero houvesse citado suas interpretações sobre o prodígio e a relação com Clódio, e só no fim revelasse a que deuses suas ações afligiram, era possível que muitos já não estivessem mais concentrados no discurso. Assim, acreditamos que essa foi uma escolha estratégica de Cícero, pois se torna mais interessante citar os deuses violados inicialmente, antes de explicar como, pois, se choca a audiência e se obtém (ou se reconquista) sua atenção.

Então, o primeiro delito é relatado: “jogos terem sido celebrados com menos cuidado e profanados” (Cic. *Har. resp.* 21)²³. Esse é um delito que poderia ser facilmente atribuído a Cneu Cornélio Lêntulo Marcelino, uma vez que ele era pontífice e cônsul em 56 AEC. Ciente disso, Cícero utiliza dessa possibilidade como um recurso que, efetivamente, lhe garante apoio na causa: ele questiona se foi Lêntulo – que presidia a sessão do Senado – o responsável (Cic. *Har. resp.* 21).

Que jogos? Faço apelo a ti, Lêntulo (...): quais foram os jogos celebrados com pouquíssimo cuidado, quando ou com que ato criminoso foram profanados? Responderás que, tanto para ti quanto para os teus colegas, como também para o colégio dos pontífices, nada foi ou omitido por negligência de ninguém ou profanado por ato criminoso e que todos os ritos solenes e regulares dos jogos foram cumpridos, com todos os detalhes observados, com a mais escrupulosa cerimônia. (Cic. *Har. resp.* 21)²⁴

Avaliando a possibilidade de que o delito fosse do cônsul, mas o defendendo em seguida, Cícero pôde conquistar a boa vontade do presidente da sessão para com o discurso. Ele provavelmente não gostaria de assumir essa responsabilidade, e então

²² Texto original: "*de ea re scriptum est: postiliones esse ioui, saturno, neptuno, telluri, dis caelestibus. audio quibus dis violatis expiatio debeat, sed hominum quae ob delicta quaero.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

²³ Texto original: "*ludos minus diligenter factos*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

²⁴ Texto original: "*quos ludos? te appello, Lentule (...): qui sunt ludi "minus diligenter facti", quando aut quo scelere "polluti"? respondebis et pro te et pro collegis tuis, etiam pro pontificum collegio, nihil cuiusquam aut neglegentia contemptum aut scelere esse pollutum, omnia sollemnia ac iusta ludorum omnibus rebus observatis summa cum caerimonia esse servata.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



podemos acreditar que ele se tornaria mais inclinado a apoiar a interpretação ciceroniana que responsabilize outra pessoa. Lântulo, na verdade, prossegue Cícero, foi o responsável por salvar os jogos megalésios. O orador cita uma ocasião em que, durante as festividades em celebração à Mãe do monte Ida (Cibebe²⁵ ou Grande Mãe), escravos receberam a permissão de participar dos eventos, e descreve a situação de maneira caótica, em um cenário de horror generalizado (Cic. *Har. resp.* 22). O edil que havia permitido a presença dos escravos teria sido Clódio, e Lântulo aplacou a situação. Os jogos, entretanto, não foram realizados da maneira devida, mas o papel do responsável está bem definido, e a simpatia do cônsul à causa de Cícero garantida (Cic. *Har. resp.* 21-23).

Mas, se queremos recordar aquelas coisas que nos foram transmitidas acerca de cada divindade, esta Grande Mãe, cujos jogos foram violados, profanados, convertidos quase em mortandade e em funerais para a cidade, nós ouvimos dizer que esta percorre os campos e os bosques com um certo estrépito e retinir. Foi esta, pois, que a vós, esta que ao povo romano mostrou os indícios dos crimes e revelou os sinais dos perigos. (...) Ó deuses imortais! Vós poderíeis falar mais conosco, se estivéssemos e vivéssemos conosco? (Cic. *Har. resp.* 24-25)²⁶

Podemos perceber que, segundo os harúspices, a Grande Mãe não teria sido violada. Não há menção da divindade no relato ciceroniano das expiações devidas. Mas, fazendo uso de seu conhecimento teológico – referindo-se às crenças sobre a divindade e a sua forma de agir -, Cícero insere uma nova personagem no drama cósmico, e ela convenientemente se adequa ao objetivo de acusar Clódio. Ele foi o responsável pela má celebração dos ritos da deusa, e então ela marchou pelo território latino para se comunicar com os cidadãos romanos (Cic. *Har. resp.* 24).

A primeira acusação contra Clódio se estende, e Cícero acrescenta uma acusação religiosa, buscando atribuir mais um prodígio a seu inimigo. “O que pode ser considerado mais sujo, deformado, alterado e perturbado que toda a escravaria, libertada por permissão de um magistrado?” (Cic. *Har. resp.* 25)²⁷, o orador questiona, indicando uma concepção antropológica sobre a natureza humana²⁸. Através do que Cícero indica, os escravos são

²⁵ Cf. CAIRO, 2020, p. 76.

²⁶ Texto original: “*ac si volumus ea quae de quoque deo nobis tradita sunt recordari, hanc Matrem Magnam, cuius ludi violati, polluti, paene ad caedem et ad funus civitatis conversi sunt, hanc, inquam, accepimus agros et nemora cum quodam strepitu fremituque peragraré. haec igitur vobis, haec populo Romano et scelerum indicia ostendit et periculorum signa patefecit (...) pro di immortales! qui magis nobiscum loqui possetis, si essetis versareminique nobiscum?*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

²⁷ Texto original: “*quid magis inquinatum deformatum, perversum conturbatum dici potest quam omne servitium permissu magistratus liberatum in alteram caveam immissum, alteri praepositum, ut alter consessus potestati servorum obiceretur, alter servorum totus esset?*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

²⁸ Ingo Gildenhard (2010, p. 31-50) discorre de forma bastante valiosa a respeito do caráter antropológico da retórica ciceroniana.



essencialmente “sujos e deformados”, incabíveis no mesmo espaço público que os cidadãos romanos. A natureza dessas pessoas é tão “alterada e perturbada”, que suas presenças constituem, por si só, um prodígio (Cic. *Har. resp.* 25-27).

Nos capítulos 28 e 29, Cícero relaciona mais uma vez Clódio à profanação de jogos. Embora esse último argumento não nos interesse diretamente aqui, vale citarmos que, caso Públio Clódio Pulcro não fosse visto como culpado da falta relatada através da acusação que envolve os jogos megalésios, Cícero havia reservado mais uma acusação de mesma natureza, ao citar que Clódio permitia que Brogítaro, um usurpador, presidisse as celebrações religiosas em Pessinunte – região de origem do culto da Grande Mãe, segundo Cícero -, enquanto o rei legítimo, declarado pela autoridade senatorial, era Dejótaro (Cic. *Har. resp.* 28-29). Podemos ter, razoavelmente, a impressão de que Cícero estaria “forçando a barra” um pouco além no seu argumento, mas não podemos perder de vista o papel cosmológico que a autoridade senatorial romana poderia exercer, refletida nesse argumento. A falta religiosa, nesse caso, teria sido causada pelo descumprimento do que foi acordado no Senado.

A segunda acusação de Cícero é sobre os “lugares sagrados e religiosos” (Cic. *Har. resp.* 30)²⁹ que, como os jogos, foram também profanados. É a partir dessa causa que Clódio investiu contra Cícero, se referindo à porção do terreno de Cícero onde estava a estátua da deusa *Libertas*. Dessa vez, o orador não se preocupa em se defender, mas em imputar a Clódio a mesma acusação. Cícero, entretanto, conta com evidências: “declaro que existiu uma capela; pelas tábuas dos censores e pela memória de muitos, vou estabelecer e expor isso” (Cic. *Har. resp.* 30)³⁰. O orador se refere à casa de Clódio, que antes havia sido de Quinto Seio, um cavaleiro romano. Segundo Cícero, havia o registro oficial da construção da capela no terreno, e Clódio a demoliu. A capela, entretanto, era destinada a Télus, e além de Cícero se declarar responsável por sua curadoria, ele cita uma evidência natural de que o problema estava relacionado à falta de Clódio: “esterilidade dos campos, [e] a carência das colheitas” (Cic. *Har. resp.* 31)³¹. Télus era a deusa dos campos e da prosperidade, e, portanto, a carestia de gêneros alimentícios só poderia significar um desacordo entre a sua boa vontade para com os homens³². Cícero, portanto, conta com três evidências contra

²⁹ Texto original: “*Sequitur de locis sacris, religiosis*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³⁰ Texto original: “*sacellum dico fuisse (et) aras. tabulis hoc censoriis, memoria multorum firmabo ac docebo*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³¹ Texto original: “*hac caritate annonae, sterilitate agrorum*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³² Télus era constantemente associada à deusa Cibele, que era tradicionalmente vista como a “deusa da fertilidade e a amante da natureza selvagem” (LENAGHAN, 1970, p. 113), a qual Clódio supostamente havia ofendido com a forma que os jogos megalésios se sucederam (LENAGHAN, 1970, p. 114-115).



Clódio, no que diz respeito a sua falta para com a divindade: os registros das tábuas, a memória dos homens, e a natureza. Como em sua primeira interpretação, Cícero inclui uma acusação secundária – e não sabemos dizer se sua preocupação era acumular acusações, estabelecer "acusações reservas", para o caso em que ele pudesse ser refutado, ou simplesmente pelos dois motivos -, em que se refere aos partidários de Clódio, Lúcio Pisão e Sexto Serrano, e suas atividades de destruição e saque de templos (Cic. *Har. resp.* 32). Nesse caso, a falta de Clódio se tornaria a de associação - e se ele tem ao lado homens torpes, ele não poderia ter uma natureza distinta.

Essa associação é fundamental para a terceira acusação de Cícero, que diz mais respeito a Pisão do que a Clódio. Inicialmente, Cícero reconhece que a terceira resposta dos harúspices, "oradores foram assassinados contra o direito dos homens e o dos deuses" (Cic. *Har. resp.* 34)³³ possa dizer respeito a um grupo de embaixadores alexandrinos assassinado, como já haviam interpretado, como indica Cícero ao dizer "Vejo que este colóquio é sobre os alexandrinos; o qual eu não refuto" (Cic. *Har. resp.* 34)³⁴. Mas ele também sugere uma acusação contra Clódio, indicando que o inimigo de Hermarcos de Quios - filósofo grego com quem Públio Clódio havia "feito contratos" (Cic. *Har. resp.* 34)³⁵ -, Teodósio, um legado de uma cidade livre enviado a Roma, havia sido assassinado. Cícero não apresenta evidências para relacionar Clódio à fatalidade, e talvez por isso não se estenda no assunto. Em seguida, ele admite: "não amontoou agora sobre ti somente todas as acusações" (Cic. *Har. resp.* 35)³⁶, e se refere ao assassinato de Plator de Oréstida, também legado, por Pisão. Não há muito o que se debater sobre a forma de acusação de Cícero, ele descreve o assassinato, mas não há evidências. Há, porém, a indagação: "quem desconhece [o fato]?" (*Har. resp.* 35)³⁷. Nessa passagem, Cícero nos mostra o que Reboul chama de acordo prévio:

Orador, auditório: é impossível que um se dirija ao outro se não houver entre ambos um acordo prévio. (...), Mas esse acordo é revelado pelo próprio texto: pelo não-dito, pela ausência das provas que seriam de esperar, por suas fórmulas estereotipadas, alusões, expressões como: "é certo que", "todos sabem", "deve-se admitir" etc. (REBOUL, 2004, p. 142-143).

³³ Texto original: "*oratores contra ius fasque interfectos*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³⁴ Texto original: "*de Alexandrinis esse video sermonem; quem ego non refuto.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³⁵ Texto original: "*qui cum Hermarcho Chio syngraphas fecit*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³⁶ Texto original: "*nec confero nunc in te unum omnia*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³⁷ Texto original: "*quis Platorum ex Orestide, quae pars Macedoniae libera est, hominem in illis locis clarum ac nobilem, legatum Thessalonicam ad nostrum, ut se ipse appellavit, "imperatorem" venisse nescit?*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



Portanto, o que podemos melhor inferir a partir dessa passagem, é a ideia de que, provavelmente, havia rumores generalizados entre os senadores a respeito do assassinato de Plator por Pisão.

A quarta acusação de Cícero, como a terceira, é menos densa. Parece que, entre a segunda e a quinta acusação, o orador buscou ser menos prolixo, seja por dispor de menos evidências, ou talvez para que ele não se estendesse muito antes da quinta acusação, dado ao que se considerava a “ordem homérica” dos argumentos. Segundo Reboul, “*Cícero, em Do orador (II, 313), preconiza a ordem “homérica” [da confirmação], que consiste em começar pelos argumentos fortes, continuar com os mais fracos e terminar com outros argumentos fortes.*” (REBOUL, 2004, p. 58. Grifo nosso). Vejamos, entretanto, a sua quarta interpretação. Segundos os harúspices, “a fidelidade e o juramento foram negligenciados” (Cic. *Har. resp.* 36)³⁸. A essa resposta, Cícero relaciona o escândalo em que Clódio se envolveu em 61 AEC, quando se infiltrou em uma celebração destinada à deusa *Bona Dea*, e a sua conseqüente absolvição no julgamento, o acusando de suborno de júri (Cic. *Har. resp.* 36).

No caso do escândalo de Clódio e a absolvição supostamente comprada por ele, tenderíamos a contar segundo o seguinte plano: a) Clódio se vestiu com roupas femininas e se infiltrou em uma festividade da *Bona Dea*; b) Clódio foi pego e todos ficaram sabendo do escândalo; c) Clódio foi julgado e absolvido, devido a um suborno. Mas não é dessa forma que Cícero insere essa narrativa em seus ataques a Clódio. Como a acusação de suborno depende de evidências e acusações diretas, a exploração desse ponto não se torna interessante, pois o orador não pode ir além da exaustiva reprovação moral do ato. A ação de se infiltrar, em trajes femininos, em um festival religioso, é um tema mais profícuo, pois além de não tocar no ponto da absolvição – é importante mantermos em mente que, nesse momento, era possível que muitos membros do júri também estivessem presentes na audiência deste discurso –, abre espaço para o vilipêndio a partir da ótica religiosa, que efetivamente possuía um potencial de maior impacto nas consciências romanas.

Assim, Cícero trata o tema do suborno em uma breve passagem, iniciando o capítulo seguinte com a quinta resposta dos harúspices: “sacrifícios antigos e secretos foram celebrados menos diligentemente e profanados” (Cic. *Har. resp.* 37)³⁹. Diferente da seção anterior, essa é extensa, e em muitos aspectos se faz interessante apresentar.

³⁸ Texto original: “*fidem iusque eurandum neglectum*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

³⁹ Texto original: “*sacrificia vetusta occultaque minus diligenter facta pollutaque*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



Primeiro, Cícero indaga: "Quem, além desta única pessoa?" (Cic. *Har. resp.* 37)⁴⁰, ressaltando o fato de que a ação de Clódio não teria precedentes na história romana. E ele continua, vividamente, a frisar o quanto seu adversário agiu de maneira exótica, e argumenta: "que sacrifício é tão antigo quanto este que, contemporâneo desta cidade, recebemos dos reis?" (Cic. *Har. resp.* 37)⁴¹. A história romana convencional se inicia com a monarquia, e usá-la como referência temporal para indicar que a cerimônia profanada foi a da *Bona Dea* é a primeira evidência apresentada por Cícero para responsabilizar Clódio por essa resposta. Então, reforça mais uma vez a bizarrice da atitude de seu adversário, utilizando a figura de pensamento da gradação, a fim de enfatizar a sua excentricidade:

Sacrifício que, certamente, ninguém antes de Públio Clódio, com toda a lembrança, violou, ninguém nunca abordou, ninguém negligenciou, nenhum homem não teve o horror de espiar, que é celebrado pelas virgens vestais, que é celebrado em prol do povo romano, que é celebrado na casa que está no exercício do poder, que é celebrado com incrível veneração, que é celebrado para aquela deusa da qual não é permitido aos homens sequer saberem o nome, a qual este indivíduo, por esta razão, chama de Boa, porque lhe teria dado o perdão em tão grande crime. Não perdoou, crê em mim, não mesmo. Salvo se talvez acredites que a ti se deu o perdão, porque os juízes soltaram-te, arruinado e esgotado, absolvido por seu julgamento, mas condenado pelo julgamento de todos, ou porque não perdeste a visão, como é a crença daquele culto. (Cic. *Har. resp.* 37)⁴²

É interessante avaliarmos que, no fim, Cícero indica o castigo destinado aos homens que assistiam a cerimônia: a cegueira. Clódio, entretanto, não se tornou fisicamente cego, e a partir do ponto de vista teológico, isso poderia indicar que o adversário do orador era inocente, ou que a deusa não tinha poderes de castigar a ninguém. Cícero, porém, atento a esse detalhe, emprega uma primeira justificativa: "Quem (...) antes de ti havia visto aquelas cerimônias sagradas, de modo que qualquer um poderia saber o castigo que se seguiria àquele crime?" (Cic. *Har. resp.* 38)⁴³. Dessa forma, Cícero habilmente anula a defesa teológica que Clódio poderia fazer uso: ele não ficou fisicamente cego, mas ninguém realmente havia ousado fazer isso antes, e ao enfatizarmos o caráter inédito da ação e

⁴⁰ Texto original: "*quis praeter hunc unum?*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁴¹ Texto original: "*etenim quod sacrificium tam vetustum est quam hoc quod a regibus aequale huius urbis accepimus?*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁴² Texto original: "*quod quidem sacrificium nemo ante P. Clodium omni memoria violavit, nemo umquam adiit, nemo neglexit, nemo vir aspicere non horruit, quod fit per virgines Vestales, fit pro populo Romano, fit in ea domo quae est in imperio, fit incredibili caerimonia, fit ei deae cuius ne nomen quidem viros scire fas est, quam iste idcirco Bonam dicit quod in tanto sibi scelere ignoverit. non ignovit, mihi crede, non: nisi forte tibi esse ignotum putas, quod te iudices emiserunt excussum et exhaustum, suo iudicio absolutum, omnium condemnatum, aut quod oculos, ut opinio illius religionis est, non perdidisti.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁴³ Texto original: "*quis enim ante te sacra illa vir sciens viderat, ut quisquam poenam quae sequeretur id scelus scire posset?*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



simplesmente ignorarmos o problema teológico da crença sobre a cegueira, então nossas atenções se desviam da questão “Clódio é inocente?” e se dirigem à afirmação “Clódio é um monstro sem precedentes”. E, como Cícero havia afirmado, a deusa não perdoou a Clódio, e ele recebeu o seu castigo: "Mas aplicado pelos deuses imortais, qual castigo para o homem pode ser maior que o furor e a demência?" (Cic. *Har. resp.* 39)⁴⁴.

Como indicado por Ingo Gildenhard (2010, p. 99-140), a acusação de loucura é um recurso retórico bastante utilizado por Cícero em seus discursos. Em *De haruspicum responsis*, confere-se se que no drama cósmico ciceroniano, o ímpio não necessariamente sofre o castigo da lei, assim como aquele que é castigado também não é, necessariamente, um homem ruim. Pessoas inocentes podem ser julgadas de maneira equivocada pelos juízes. Mas o homem sem virtude, o homem que é torpe, o homem que é assassino, ele não é capaz de fugir do castigo divino. Dessa forma, ao retratar Clódio como um homem louco, Cícero está indicando a todos que, independentemente do status de seu adversário, independente da estima popular que ele possa carregar, e independente do resultado da avaliação dos outros senadores, Clódio é um criminoso, e vive em falta com a república, que por sua vez faz parte da ordem divina.

A escolha de Cícero de explorar a acusação de invasão de Clódio no festival da *Bona Dea* por último, depois de se referir ao episódio do suborno, que se passa depois do primeiro evento citado, foi possivelmente estratégica, e vemos a coroação de seu ataque contra Clódio, quando Cícero consegue atribuir uma coesão a todas as respostas dos harúspices, e sugere evidências adicionais, para concluir que Clódio se tornou encegueirado e ensandecido (Cic. *Har. resp.* 39). Tendo concluído a sua interpretação das respostas dos harúspices, Cícero fala sobre os conselhos dados pelos sacerdotes, para que reconquistem a boa vontade dos deuses:

[...] que não se criem, pela discórdia e pela dissensão dos aristocratas, mortandades e perigos para os senadores e os dirigentes e que não sejam privados do auxílio da parte dos deuses, através do que as coisas voltariam ao comando de uma só pessoa e sobreviveria o abalo e o quebrantamento do exército. As palavras dos harúspices são todas estas, nada acrescento de meu. Quem maquina, pois, esta discórdia dos melhores? Este mesmo, não por alguma força de talento ou de sua deliberação, mas por algum erro nosso que aquele indivíduo com certeza percebeu facilmente (...) (Cic. *Har. resp.* 40)⁴⁵.

⁴⁴ Texto original: "A dis quidem immortalibus quae potest homini maior esse poena furore atque dementia?" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁴⁵ Texto original: "ne per optimatum discordiam dissensionemque patribus principibusque caedes periculaque creentur auxilioque divinitus deficientur, qua re ad unum imperium pecuniae redeant exercitusque pulvis dominatioque accedat. haruspicum verba sunt haec omnia, nihil addo de meo. quis igitur hanc optimatum discordiam molitur? idem iste, nec ulla vi ingeni aut consili sui, sed quodam errore nostro; quem quidem ille, quod obscurus non erat, facile perspexit" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



A partir dessa seção, os temas são menos fixados às respostas dos harúspices, e Cícero tem a liberdade de acrescentar novas ofensas. Compara Clódio a Tibério e Caio Graco, para no fim classificar os irmãos Graco como melhores que ele, pois ao menos tinham qualidades. Cita outros cidadãos da história romana que se envolveram com disputas domésticas (Cic. *Har. resp.* 41), e a todos eles reconhecem um ou mais traços valiosos, enquanto sobre Clódio, indaga: "[a] este indivíduo (...), pelos deuses imortais, o que é? O que vale?" (Cic. *Har. resp.* 42)⁴⁶, de maneira retórica, pois a sugestão está clara: ele não é comparável a nenhum dos outros cidadãos que se desviaram, ele é um inimigo comum a todos os *boni*, mas não tem valor algum. O orador prossegue nas passagens seguintes neste e em outros temas sobre ofensas menores, concluindo a *ethopoeia* de Clódio. Ao concluí-la, ele fortalece a sua:

Foi lançada sobre a república uma tocha ignominiosa e deplorável; foi atacada a vossa autoridade, a gravidade das ordens mais ilustres, o consenso de todos os bons, enfim todo o fundamento da cidade. Pois estas coisas com certeza eram atacadas, quando sobre mim, o conhecedor de todas estas coisas, era lançada aquela tocha ardente daqueles tempos. Eu a recebi e fui o único a queimar-me muito em lugar da pátria, porém igualmente assim como vós, cercados em torno pelos mesmos fogos, me veríeis ser o primeiro atingido e fumegando em lugar de vós. (Cic. *Har. resp.* 45)⁴⁷.

Os capítulos 46-52 podem ser vistos como um momento de digressão do discurso. Os temas continuam presentes, as passagens se relacionam com Clódio - o orador indica maneiras com que Clódio causou a dissidência entre outros senadores - mas pode-se observar que as preocupações de Cícero nas referidas seções podem ser interpretadas como um elogio a Pompeu e expressar algumas considerações sobre o contexto político romano daquele momento. Como não nos cabe aqui realçarmos todas as nuances da dinâmica política do ano de 56 AEC, optaremos por seguir o discurso de Cícero em seu retorno aos temas que nos são pertinentes.

Cícero retorna à seção de confirmação do discurso enfatizando que Clódio deve ser interpretado como causador das dissidências citadas pelos harúspices (Cic. *Har. resp.* 53-54), o relacionando também à advertência "para que a república não seja prejudicada por

⁴⁶ Texto original: "*hic vero de quo ego ipse tam multa nunc dico, pro di immortales! quid est, quid valet, quid adfert, ut tanta civitas, si cadet,— quod di omen obruant! — a viro tamen confecta videatur?*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁴⁷ Texto original: "*iniecta fax est foeda ac luctuosa rei publicae; petita est auctoritas vestra, gravitas amplissimorum ordinum, consensio bonorum omnium, totus denique civitatis status. haec enim certe petebantur, cum in me cognitorem harum omnium rerum illa flamma illorum temporum coniciebatur. excepi et pro patria solus exarsi, sic tamen ut vos isdem ignibus circumsaepi me primum ictum pro vobis et fumantem videretis.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



projetos secretos" (Cic. *Har. resp.* 55)⁴⁸, e a isso Cícero indica momentos em que Clódio interveio no funcionamento de algumas instituições romanas, como o Senado, o erário e os tribunais (Cic. *Har. resp.* 55).

Sobre a advertência "para que não seja aumentada a honra dos homens perversos e excluídos" (Cic. *Har. resp.* 56)⁴⁹, o orador novamente atribui as duas características relatadas a Clódio. Indica que, ao se comportar da maneira que se comporta e ao permitir e participar de liberalidades, o seu adversário se exclui dos homens bons, dos estrangeiros, e até mesmo da própria família. Como perverso, Clódio é "general e dirigente", porque nem mesmo os poetas mais talentosos poderiam inventar um personagem com mais vícios e falhas de caráter que ele (Cic. *Har. resp.* 57). Assim, Cícero encerra a confirmação do discurso.

A peroração é o fim do discurso, e Olivier Reboul apresenta um plano-tipo comum de sua construção que funciona a partir da seguinte sequência: a) amplificação, na qual o orador relembra que a sua causa é de importância para todos que o escutam; b) o patético, em que o orador busca causar piedade ou indignação em sua audiência; c) e a recapitulação, que resume os argumentos do discurso (REBOUL, 2004, p. 59). Vejamos, a seguir, se o plano se aplica à peroração do nosso discurso. Começamos ainda em §57, na qual Cícero inicia a transição da confirmação para a peroração:

É a nossos pais e aos deuses imortais e à pátria que a natureza primeiramente nos une, pois, ao mesmo tempo, somos dados à luz, e somos enriquecidos por este sopro celeste, e somos inscritos em um assento determinado da cidade e da liberdade. (Cic. *Har. resp.* 57)⁵⁰

Dessa forma, Cícero realiza uma *amplificação*, pois consegue inserir a todas as pessoas que lhe interessavam o apoio da causa em uma mesma classificação. Ao fazer isso, nos indica uma noção cosmológica interessante, em que o aspecto natural e cósmico e o aspecto cívico se tornam um só na experiência romana. A família, os deuses celestes e a República, a partir dessa descrição, se inserem na mesma ordem natural e divina. Um dos principais objetivos da passagem, evidentemente, é estruturar uma noção cosmológica, para que Clódio seja representado como contrastante Cícero indica que Clódio manchou o nome da sua família, assim como desprezou os cultos familiares e de Estado, além de ter atuado de forma destrutiva para com a pátria, instigando a violência e alterando o funcionamento

⁴⁸ Texto original: "*Monent enim eidem ne occultis consiliis res publica laedatur*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁴⁹ Texto original: "*Sequitur illud, ne deterioribus repulsique honos augeatur*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁵⁰ Texto original: "*Parentibus et dis immortalibus et patriae nos primum natura conciliat; eodem enim tempore et suscipimur in lucem et hoc caelesti spiritu augeamur et certam in sedem civitatis ac libertatis adscribimur.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



das instituições e da própria ordem natural, o que derivou em sinais meteorológicos prodigiosos (Cic. *Har. resp.* 57-58). É uma amplificação que se resulta na exclusão de seu inimigo.

No capítulo 59, podemos interpretar o uso do patético. Depois de apontar o comportamento errático de Clódio em relação ao bem comum, Cícero narra a forma que o seu inimigo lida com o próprio corpo e a própria vida.

Quão grandes são aqueles crimes que contra si mesmo e que contra os seus cometeu! Quem alguma vez poupou menos os acampamentos dos inimigos do que ele a todas as partes de seu corpo? Que navio num rio público alguma vez foi tão entregue a todos do que a tenra idade deste sujeito? Que dissipador alguma vez enroscou-se tão livremente com as prostitutas do que este com as irmãs? Enfim, que Caribde⁵¹ tão medonha os poetas puderam representar pela imaginação (...)?" (Cic. *Har. resp.* 59).⁵²

É uma descrição quase piedosa, mas efetivamente construída para causar repúdio. Clódio não é capaz de reconhecer a necessidade do autocuidado, ele se macula da mesma forma que aflige a República e aos homens bons. Cícero não está coroando a descrição, depois de uma longa seção de confirmação, objetivando que seu inimigo seja visto como mais um dos inimigos da história da República Romana, mas sim falando de um homem excepcional em defeitos, de natureza única.

Os capítulos finais (60-63) são efetivamente uma recapitulação, em que Cícero cita novamente advertências dos harúspices como resposta aos prodígios meteorológicos e as relaciona a Clódio. Entretanto, uma atenção apropriada deve ser aplicada à seção de conclusão, pois podemos identificar uma cosmovisão consistente, que dava sentido aos argumentos aplicados durante todo o texto.

Os dois primeiros capítulos da seleção final são construídos de forma enfática, e devem ser interpretadas como complementares. Cícero se assume, explicitamente, diferente de como se representou no exórdio, como um mensageiro dos deuses.

É por esta razão que aquilo que está como último na resposta dos harúspices, precavei-vos "a que a estabilidade da República não sofra alteração". (...) Houve outrora a tal ponto esta cidade firme e vigorosa, que o senado podia suportar a negligência ou mesmo as injúrias dos cidadãos. Já não pode mais: o erário está nulo, os que resgataram não desfrutam dos impostos, a autoridade dos dirigentes caiu, o acordo das ordens foi rompido,

⁵¹ Caribde era um lendário monstro marinho. Para mais informações a respeito, confira (BEEKES, 2010).

⁵² Texto original: "*ea quanta sunt quae in ipsum se scelera, quae in suos edidit! quis minus umquam pepercit hostium castris quam ille omnibus corporis sui partibus? quae navis umquam in flumine publico tam vulgata omnibus quam istius aetas fuit? quis umquam nepos tam libere est cum scortis quam hic cum sororibus volutatus? quam denique tam immanem Charybdim poetae fingendo exprimere potuerunt(...)*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).



os julgamentos pereceram, os boletins distribuídos estão nas mãos de poucos, o espírito dos bons cidadãos já não estará mais pronto para um movimento de nossa ordem, doravante procurareis em vão um cidadão que se oponha ao ódio pela salvação da pátria. (Cic. *Har. resp.* 60)⁵³

O tom de Cícero está diferente na conclusão. Em vez de projetar o futuro, apresentando os possíveis cenários consequentes da permissividade em relação à presença de Clódio no meio dos bons cidadãos, o orador retrata o cenário trágico no presente, o que efetivamente aumenta o senso de urgência do seu argumento. É interessante avaliarmos que a descrição de Cícero intercala sua interpretação da situação, “o erário está nulo (...) a autoridade dos dirigentes caiu, o acordo das ordens foi rompido” (Cic. *Har. resp.* 60) com uma resposta dos harúspices, a de que “os julgamentos pereceram” (Cic. *Har. resp.* 60), e dessa forma, Cícero insere a sua própria narrativa patética⁵⁴ em um argumento lógico⁵⁵, atribuindo paixão ao *logos* e lógica ao *pathos*. O que se resulta a partir disso pode ser interpretado como um argumento lógico aprazível, ou como um argumento patético com a autoridade da verdade que o *logos* carrega.

Cícero, que sugeriu o afastamento ou a morte de Clódio durante o discurso, conclui que suas sugestões são todas em nome da “concordia” (Cic. *Har. resp.* 61). A deusa *Concordia*, invocada em sua última seção, traz o tom divino ao que poderia ser considerado um discurso odioso, e a sugestão de exílio ou assassinato de Clódio recebe o caráter de purificação⁵⁶. Pina Polo argumenta que a referência à concordia é uma autossugestão à figura de Cícero, por “identificar expressamente o templo dedicado a *Concordia* como símbolo de seu consulado” (MARCO SIMÓN; PINA POLO, 2002, p. 266), em referência a uma passagem do *Pro Sestio*. Essa é uma consideração interessante e valiosa de ser

⁵³ Texto original: “*Qua re, id quod extremum est in haruspicum responso, providete ne rei publicae status commutetur; etenim vix haec, si undique fulciamus iam labefacta, vix, inquam, nixa in omnium nostrum umeris cohaerebunt. fuit quondam ita firma haec civitas et valens ut neglegentiam senatus vel etiam iniurias civium ferre posset. iam non potest. aerarium nullum est, vectigalibus non fruuntur qui redemerunt, auctoritas principum cecidit, consensus ordinum est divolsus, iudicia perierunt, suffragia descripta tenentur a paucis, bonorum animus ad nutum nostri ordinis expeditus iam non erit, civem qui se pro patriae salute opponat invidiae frustra posthac requiretis.*” (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁵⁴ De *pathos*.

⁵⁵ Da ordem do *logos*.

⁵⁶ Jack Lennon já destacou a *ethopoeia* ciceroniana de Clódio como um agente de poluição religiosa em *Pollution and Ritual Impurity in Cicero's De Domo Sua* (2010). Segundo o autor, a “Poluição religiosa (...) pode ser [considerada] um papel central na [retórica ciceroniana] para a garantia do resultado favorável a Cícero. (...) seu ataque meticulosamente bem construído à Clódio no tocante ao ritual e à religião pode ser interpretado como profundamente efetivo no contexto da [audiência do] Colégio dos Pontífices” (LENNON, 2010, p. 430, tradução nossa). Embora Lennon tenha falado sobre o contexto da oração do *De domo sua*, a sua interpretação pode ser aplicada no caso de *De haruspicum responsis* também. Muitos dos senadores presentes eram também parte de grupos sacerdotais, e até mesmo quem não era, não poderia fugir do escrutínio religioso arraigado à moralidade romana. Portanto, a associação à poluição religiosa pode ser considerada efetiva no Senado, como foi entre os pontífices.



mencionada, mas gostaríamos de destacar que a autossugestão política de Cícero, nesse sentido, só pode ser bem-sucedida a partir de uma cosmovisão compartilhada entre o orador e sua audiência. Neste caso, podemos interpretar que Cícero considerou efetivo fazer referência à deusa como parte da sua solução apresentada, e isso indica uma compreensão romana a respeito dos embates políticos domésticos: eles surgem quando a deusa não está atuando a favor do povo romano. Para que esse cenário se reverta, portanto, é necessário purificar (expulsar ou eliminar) a poluição (Clódio).

A relação entre o universo observável e uma ordem divina, que rege a natureza e os acontecimentos entre os homens, se torna evidente na raiz etimológica da palavra, no cognato grego *kósmos*, que poderia significar, em nossos termos, tanto “ordem” como “universo” (CORBEILL, 2010, p. 759-760). Entre os gregos, entretanto, essa concepção divergiu em sentidos: muitas vezes se admitia que o *kósmos* era o espaço divino, mas as divindades nem sempre eram consideradas agentes na vida terrestre (TAUB, 2008, p. 35). Em Roma, o conhecimento teológico associado ao estudo da natureza observável em conjunto com a observação dos astros influenciou em uma cosmovisão na qual a própria cidade e seus eventos políticos faziam parte da ordem divina (LEHOUX, 2012, p. 44-45). O estudo cosmológico como parte das atribuições do cônsul, para o bom gerenciamento da República, se torna uma referência do próprio discurso aqui trabalhado. Durante a digressão, Cícero diz:

(...) Então ele começou a dizer tanto aqui quanto nas assembleias populares que foram suportadas contra os auspícios as leis julianas, em cujas leis figurava aquela lei curiata, que abrangia todo o seu tribunato; mas que, cego pela demência, não via. Apresentava um homem bastante corajoso, M. Bíbulo, buscava saber dele se, estando C. César a trazer as leis, sempre havia feito observação do céu; aquele indivíduo dizia que sempre o havia observado. Perguntava aos áugures quais coisas, nessas condições, haviam sido manifestadas e se haviam sido manifestadas corretamente; diziam-lhe que haviam sido manifestadas com deficiência. (Cic. *Har. resp.* 48)⁵⁷.

O capítulo apresentado faz referência ao ano de 59 AEC, em que Clódio teve sua adoção aprovada por César, enquanto Bíbulo⁵⁸ manteve-se em casa, observando os astros

⁵⁷ Texto original: "*tum leges Iulias contra auspicia latas et hic et in contionibus dicere, in quibus legibus inerat curiata illa lex quae totum eius tribunatum continebat, quod caecus amentia non videbat. producebat fortissimum virum, M. Bibulum; quaerebat ex eo, C. Caesare leges ferente de caelo semperne servasset. semper se ille servasse dicebat. augures interrogabat, quae ita lata essent rectene lata essent. illi vitio lata esse dicebant.*" (Tradução para o português por Luiz Carlos Lima e Lara Barreto Corrêa, 2013).

⁵⁸ Marcus Calpurnius Bibulus, político que teve sucessivos momentos de tensão com Júlio César, e em 59 AEC foi cônsul com ele. Depois de atacar as leis agrárias de seu companheiro de consulado, se retirou para sua casa, afirmando estar interpretando sinais divinos (LENAGHAN, 1969, p. 173-174).



(ARENA, 2020, p. 35). O cônsul, ao observar os astros, na realidade “os consultava”, buscando interpretar possíveis sinais divinos. A referência de Cícero pode ser interpretada como uma maneira de inferir que, se as observações de Bíbulo resultaram em desaprovação à atuação de César como cônsul, o próprio tribunato de Clódio teria sido inválido, e conseqüentemente suas leis. O que nos interessa, aqui, é destacar a relação entre os eventos políticos e naturais, como a desavença entre os cidadãos, prodígios – como tremores de terra e carestias nos campos – e as noções cosmológicas.

O conhecimento cosmológico era, portanto, considerado um estudo da própria realidade, uma vez que o cosmos influenciava o pensamento teológico e político. Cícero destaca a forma da comunicação divina, expressando a atenção que deve ser dada aos sinais da natureza, pois os deuses não se comunicam como os homens (Cic. *Har. resp.* 62). Em seu último capítulo, ele ressalta o caráter representativo de seu discurso. Retira a personalidade da sua oração, e afirma que suas palavras foram a voz dos próprios deuses (Cic. *Har. resp.* 63).

Destacamos, ao longo do texto, a *ethopoeia* constante na oração ciceroniana trabalhada aqui, e pontuamos como ela era realizada a partir de uma axiologia. Essa axiologia, entretanto, se apresenta intrinsecamente relacionada a uma cosmovisão com divindades regentes e ativas entre os homens. Cícero, ao apresentar o seu discurso deliberativo a respeito dos sinais divinos revelados pelos harúspices, envolve todo o cosmos em sua narrativa, desenvolvendo um drama cosmológico.⁵⁹

No espetáculo retórico ciceroniano, os homens e os deuses possuem papéis essenciais, e o orador assimila e busca representar características efetivas para a boa recepção do discurso, construindo *personae* para os deuses, seus adversários e para si. Quando Hitchcock afirmou que “*drama is life with the dull bits cut out*” (LYONS, 1956, p. 19)⁶⁰, ele inferiu um sentido muito caro a nós: a de que a diferença entre o drama e a vida, é que no drama a interpretação da realidade pode se tornar mais aprazível, e é através desse prazer que identificamos que o orador pode cativar, criar seu próprio personagem, representar o adversário e a própria realidade em si de forma efetiva para a sua audiência. Cícero, no caso, usa os papéis sociais (GILDENHARD, 2010, p. 65) e as noções cosmológicas como pano de fundo para a sua *ethopoeia*, para a descrição de cenários, e a apresentação de narrativas. A essa espécie de retórica dramática, chamamos de drama cósmico.

⁵⁹ Ingo Gildenhard se refere à mesma ideia como uma *teodiceia ciceroniana* (GILDENHARD, 2010, p. 341-342).

⁶⁰ “O drama é a vida com as partes chatas cortadas”, tradução nossa.



CONCLUSÃO

A partir do exercício da leitura retórica, apresentamos as *personae* criadas pela *ethopoeia* ciceroniana. Além disso, buscamos inferir os fundamentos teológico-cosmológicos nos quais o drama cósmico ciceroniano pôde ser proferido.

Desde o exórdio, Cícero fez uso das imagens antitéticas, e essa é a principal demarcação entre os dois personagens: enquanto o seu inimigo representa a perversidade e impiedade para com os deuses, o orador é ponderado e representante da ordem divina. Clódio diz o que nenhum outro homem jamais teria a ousadia de dizer ou fazer, enquanto Cícero diz e faz apenas o que os deuses aprovam que seja dito e feito. Para que a *ethopoeia* ciceroniana pudesse ser compreendida, apresentamos de que formas ela era fundada nas concepções cosmológicas comuns à audiência de Cícero, e a partir da articulação de papéis sociais e o argumentos teológicos, o orador apresentava o que achamos apropriado chamar de drama cósmico – porque os personagens, cenários e as narrativas são todas fundadas a partir de uma cosmovisão que compreendia o universo observável, a natureza e os acontecimentos políticos como partes de uma mesma ordem divina.

Ao realizarmos nosso exame, pudemos identificar os recursos retóricos utilizados por Cícero para persuadir a sua audiência de sua mensagem. Esses recursos envolveram não somente a boa organização da disposição de seus argumentos, como também uma boa seleção de temas para indicar, objetivando constantemente o que havia de mais reprovável para as consciências de sua audiência e perigoso para a manutenção da ordem natural e cósmica.

FONTES

CÍCERO, *De haruspicum responsis*. Edição utilizada: CARPINETTI, Luis C.; CORRÊA, Lara B. **O Discurso de Cícero De Haruspicum Responsis: Guia de leitura**. São Paulo: Annablume, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENA, Valentina. Cicero, the Augures, and the Commonwealth in *De Legibus*. In: BELTRÃO, C.; SANTANGELO, F. (eds.). **Cicero and Roman Religion: Eight Studies**. Stuttgart: University Press, 2020, p. 73-86.

AUVRAY-ASSAYAS, Clara. **Cícero**. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

BEARD, Mary. Cicero's 'Response of the haruspices' and the Voice of the Gods. **The Society for the Promotion of Roman Studies**, v. 102, 2012, p. 20–39.

BEEKES, Robert S. P. **Etymological Dictionary of Greek**. Boston: Brill, 2010.



BELTRÃO, Claudia. De haruspicum responsis: religião e política em Cícero. **Mirabilia** n. 3, 2003, p. 20-42.

BELTRÃO, Claudia. Retórica, ética e política no *Pro Sulla* de Cícero. **Phoïnix**, n. 12, 2006, p. 87-104.

BROUWER, Hendrik. H. J. **Bona Dea: the sources and a description of the cult**. Leiden: E. J. Brill, 1989.

CAIRO, Maria Emilia. A Reading of Cicero's *De Haruspicum Responsis*: Some Reflections on Roman Identity. In: BELTRÃO, Claudia; SANTANGELO, Federico. (eds.). **Cicero and Roman Religion: Eight Studies**, Stuttgart: University Press: 2020, p. 73-86.

CAIRO, Maria Emilia. Autoridad religiosa y Autoridad política en *De haruspicum responsis* de Cicerón. **Maia**, v. 69, 2017, p. 486-500.

CARVENALI, Barbara. Literary Mimesis and Moral Knowledge: The Tradition of "Ethopoeia". Tradução de "Mimésis littéraire et connaissance morale: la tradition de l'éthopée", in: **Annales, Histoire, Sciences Sociales**, v. 65, n. 2, 2010, p. 291-322.

CORBEILL, Anthony. Clodius' Contio de haruspicum responsis. In: BALBO, Andrea.; GRAY, Christa; MARSHALL, Richard M. A.; STEEL, Catherine. **Reading Republican Oratory: Reconstructions, Contexts, Receptions**. Oxford University Press: 2018, p. 171-190.

CORBEILL, Anthony. The function of a divinely inspired text in Cicero's *De haruspicum responsis*. IN: BERRY, Dominic H.; ERSKINE, Andrew. **Form and Function in Roman Oratory**. Cambridge: University Press, 2010, 139-154.

DAETWYLER, J. L. Cícero e Clódio: uma disputa pela autoridade religiosa. **Romanitas: Revista de Estudos Greco-latinos**, Vitória, n. 13, p.93-108, 2019.

DE OLIVEIRA, Eduardo. **A caracterização do inimigo no discurso ciceroniano: o uso do pathos em De haruspicum responsis**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2023 [Monografia].

GENTTE, Gerard. **Narrative Discourse: An Essay in Method**. Cornell: University Press, 1983.

GILDENHARD, Ingo. **Creative Eloquence: The Construction of Reality in Cicero's Speeches**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GRIMAL, Pierre. **Cicerón**. Argentina: Editora Gredos, 1990.

KENTY, Joanna. **Cicero's Political Personae**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

KENTY, Joanna. The Political Context of Cicero's oration *De Domo Sua*. **Ciceroniana online**, vol. II, n. 2, 2018, p. 245-264.

LEACH, Eleanor W. Gendering Clodius. **The Classical World**, v. 94, n. 94, 2001, p. 335-359.

LEHOUX, Daryn. **What Did the Romans Know? An Inquiry into Science and Worldmaking**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.



LENAGHAN, John. O. **A Commentary on Cicero's Oration De Haruspicum Responso**. Paris: Mouton, 1969.

LENNON, Jack. Pollution and Ritual Impurity in Cicero's De Domo Sua. **Classical Quarterly**, v. 60, n. 2, 2010, p. 427-445.

LYONS, Leonard. **The Lyons Den**. The Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2 mar. 1956.

MARCO SIMÓN, Francisco; PINA POLO, Francisco. Cicerón, elegido por los dioses: la reprobación religiosa del adversario político como recurso retórico. In: **Religión y propaganda política en el mundo romano**. Universitat de Barcelona, 2002, p. 57-69.

PERELMAN, Chaim; TYTECA, Lucie O. Tratado da argumentação: A nova retórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SIMMEL, Georg. **Ensaio sobre teoria da história**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

TAUB, Liba. **Aetna and the Moon. Explaining Nature in Ancient Greece and Rome**. Corvallis-Oregon, 2008.

TATUM, W. J. **The patrician tribune: Publius Clodius Pulcher**. North Carolina: University of North Carolina Press, 1999.

TREJO, Malena. Formas del stuprum en el discurso *De haruspicum responso* de Cicerón. **Circe**, Santa Rosa, vol. 21, 2017, p. 41-55.

VOLK, Katharina. **The Roman Republic of Letters: Scholarship, Philosophy, and Politics in the Age of Cicero and Caesar**. Princeton: University Press, 2021.